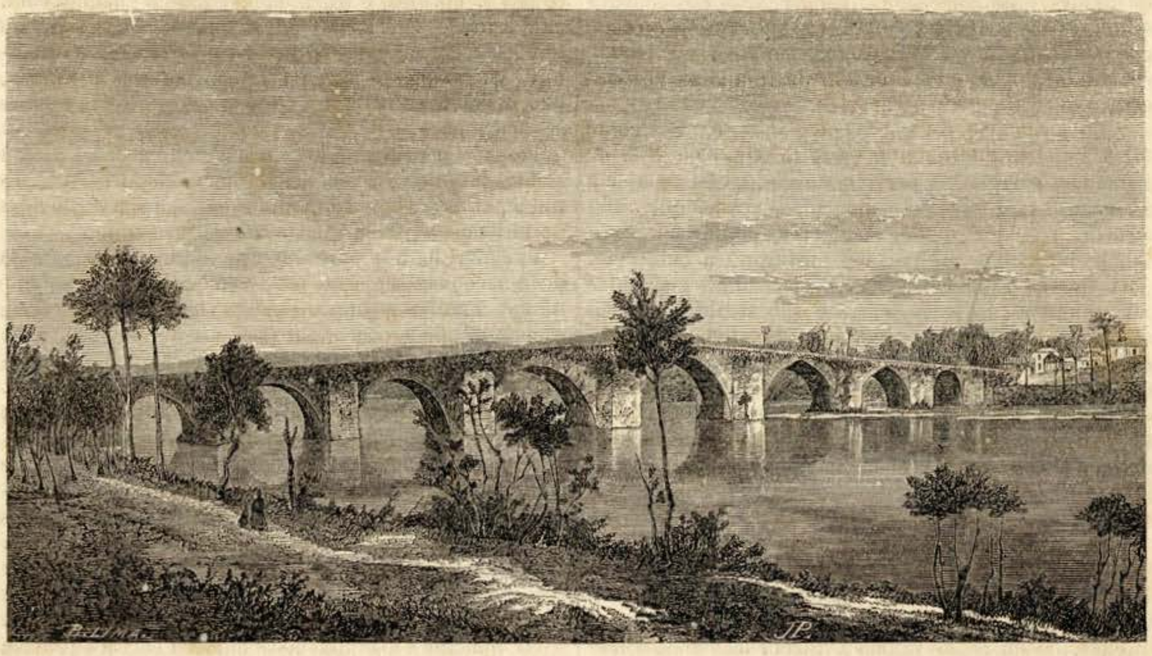


Ponte do Prado

VILLA DO PRADO

Está edificada esta povoação em terreno plano, proximo do rio Cávado, e distante da cidade de Braga 5 kilometros.

Foi fundada por el-rei D. Affonso III, que lhe deu foral no anno de 1260. O senhorio d'esta villa pertenceu a diversos fidalgos até que el-rei D. João III o deu, com o titulo de conde do Prado, a D. Pedro de Soûsa, que era senhor de Beringel, alcaide-mór de Beja e de Alcacer, e capitão-mór de Azamor. Este fidalgo, cujos bons serviços em Africa el-rei assim recompensou, descendia de D. Martim Affonso Chichorro, filho bastardo del-rei D. Affonso III, e de D. Ignez Lourenço de Sousa, vergontea da illustre e antiquissima familia dos Sousas, por tantas vezes alliada com a familia real, e successivamente elevada aos titulos de conde de Miranda, marquez de Arronches e duque de Lafões.

Continuou o senhorio e condado do Prado nos descendentes de D. Pedro de Sousa, sendo o quarto neto d'este, por nome D. Francisco de Sousa, e 3.º conde do Prado, creado 1.º marquez das Minas por el-rei D. Pedro II.

A villa do Prado é uma povoação muito pequena, e de pouco trato commercial. Tem atravessado os seculos quasi estacionaria. Algum desenvolvimento que de tempos a tempos tem tido por effeito natural da paz publica, apenas lhe tem servido de reparar as perdas e damnos causados pelas guerras estrangeiras e discordias civis, que em tão differentes periodos tem agitado e infelicitado o nosso paiz.

Não tem a villa mais que uma egreja parochial da invocação de *Santa Maria*. A primeira matriz, que hoje é uma capella particular, tinha por orago S. Thiago de Francellos. Além d'aquelle templo, que não é notavel por sua architectura, nem por vestigios de antiguidade, ou qualquer outra circunstancia especial, não possue esta villa monumento ou edificio algum digno de menção.

A sua situação baixa, e a muita abundancia de aguas que regam e até alagam os campos que a cercam, fazem com que seja pouco salubre no verão, em que se desenvolvem ordinariamente febres intermittentes. Porém d'esta segunda causa do mal tiram os arrabaldes da villa muita belleza e frescura, pois que por toda a parte se vê basto e frondoso arvoredo de carvalhos e castanheiros, prados sempre verdejantes e semeados de flores, e mananciaes continuamente a correr.

Os productos agricolas reduzem-se a algum centeio e milho, legumes, vinho verde, frutas, principalmente castanhas, linho, e pouco azeite. Cria-se no concelho bastante gado, sobre tudo vaccum.

O rio Cávado fornece algumas pescas de lampréas, salmões, trutas, enguias, bogas e escalos. As margens do rio, os campos e as collinas que os limitam são abundantes de caça rasteira e do ar.

A industria manufactora apenas exporta para fóra do concelho algumas teias de linho e estopa, e grande quantidade de telha e loiça de barro, para o que ha na villa e seus arredores muitas olarias.

Communicam-se as duas margens do Cávado, junto da villa, por uma extensa ponte de pedra de construcção antiga, chamada *ponte do Prado*, a qual se vê representada em a nossa gravura, que é cópia de uma photographia do sr. Seabra.

O rio Cávado, denominado pelos romanos *Celandus*, ou *Celanus*, e depois *Cavus*, e *Cavadus*, nasce junto ao logar do Cabo, em umas serranias que separam Portugal da Galliza. Descendo d'aquellas montanhas dividido em varios braços, junta-se em um só corpo nas faldas d'ellas, e corre em direcção á serra do Gerez. Proximo d'ella, no sitio chamado *Vão do Bico*, recebe em seu álveo o rio Homem, cuja fonte rebenta n'esta ultima serra. Pobre em seu berço, mas logo depois enriquecido com o tributo d'este rio, e de outros ribeiros que em seu curso vae recolhendo, dirige-se o Cávado de éste para oéste, banhando várias povoações, e lança-se no Oceano junto da villa de Espozende, que está sentada na sua margem direita, tendo pouco antes servido de espelho á pittoresca e

piscosa Fão. Em todo este trajecto as suas margens são de singular belleza e amenidade, principalmente ao atravessar a cêrca do magnifico convento de Villar de Frades, que pertenceu á congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista, situado entre Braga e Barcellos; e desde ahi até Fão, porque vae correndo sempre acompanhado e orlado de frondosos bosques de variadas especies de arvores.

Só é navegavel por barcos pequenos pelo espaço de 10 kilometros, desde a foz até proximo da villa de Barcellos, e sel-o-hia por mais alguma distancia se a navegação não fosse impedida pelos açudes que o obstruem. Porém o que o commercio perde com similhante obstaculo ganha-o em formosura a paizagem, pois que os açudes fazem vistosas cataractas, cujas alvissimas escumas realçam, e são tambem realçadas pelos verdores que bordam as margens. São tão cristallinas as aguas do Cávado, que, sem embargo de terem em muitos logares, mesmo no verão, um volume de metro e meio e mais de espessura, vê-se perfeitamente bem através d'ellas as areias e seixinhos do leito, aquellas todas brancas, e estes multicôres. Imagine-se o que haverá de delicias e de encantos n'essa viagem, embora curta.

Abunda o Cávado em pescaria de peixes mimosos, taes como salmões, lampréas, trutas, saveis e bogas. Foi tão abundante outr'ora dos primeiros, que se acha em memorias escriptas, que houve lanço, nos tempos antigos, de quarenta salmões. Dizem as mesmas memorias que na antiguidade se tirava oiro das suas areias, e que tambem n'ellas se encontravam ás vezes jacinthos, amethistas e cristaes.

D'entre as pontes que o cortam é celebre a de S. Thomé de Perozello, com doze arcos, por se attribuir a sua fundação aos romanos. Dava passagem a uma das cinco vias militares que saíam de Braga para Astorga, e era esta a que se dirigia pela serra do Gerez, e é conhecida pelo nome de *estrada da Geiria*, feita, ou reedificada, pelo imperador Vespasiano.

A barra do Cávado consentia a entrada de escunas e hiates em tempos ainda não muito remotos. Porém ao presente acha-se tão areiada, que só offerece accesso a embarcações pequenas, sendo obrigadas as de maior lotação a carregar ou descarregar junto da visinha costa. Era a barra defendida por um forte, construido na margem direita do rio. Hoje está obstruido de areias.

I. de Vilhena Barbosa.

CARTAS A UMA SENHORA

AURORAS BOREAES E AUSTRAES

(Vid. pag. 156)

III

Foram entanto progredindo as sciencias physicas; o espirito humano fugiu das trevas; Dante acordára o mundo com os seus tremendos queixumes, que similhavam o rugido do leão moribundo; Galileo, á feição do poeta, e seguindo as pisadas de Copernico, arrostava com o fanatismo, e desafiava-o para campo cerrado; a liça estava aberta na Italia, cujo solo sagrado parecia rebellar-se contra os barbaros conquistadores, e desentranhava-se em talentos incomparaveis; no norte surgia Shakspeare, como um fanal em mar de sangue; logo após apparecia Newton; Kepler apertava nos bicos do compasso o planeta Marte, e vingava-se dos ferozes germanos, que lhe queimaram a mãe como feiticeira; Descartes lançava-se irresoluto nos vortices da sua philosophia, como um navio que, batido da tormenta e desnorteado, vem quebrar-se nos recifes á flor d'agua; e já antes o grão Colombo descobria a America, e Vasco da Gama dobrava o cabo das Tormentas. A Europa sacudia as algemas da escravidão, que ainda lhe roxeavam os pulsos! Brilhava o facho da sciencia brandido pelos genios, e os homens colhiam, em fim, o fructo abençoado da edade média.

O estudo, porém, das auroras boreaes não seguia a impulsão geral; parecia que a luz interior que illuminava os grandes homens e se expandia pelo mundo, não deixava entrever o clarão mysterioso das regiões septentrionaes.

Passado o primeiro bocejo d'aquelle acordar de um somno profundo, a sciencia resgatou logo os seus direitos, e as auroras começaram então a ser explicadas de mil modos, cada qual mais extravagante.

Imaginavam uns, que a arcaria luminosa era a cauda de um cometa, cujo nucleo se encobre perpetuamente no horisonte; acreditavam outros, que as auroras eram a nebulosidade central de um astro immenso, cuja coma é encoberta pela redondeza da terra.

Euler, a quem as sciencias physicas devem tanto; Euler, o discipulo querido dos Bernouillis, deu uma explicação infelicissima e indigna do seu talento.

Suppoz elle que os raios de luz, projectados pelo astro com immenso vigor, arrancam á atmosphera terrestre umas moleculas luminosas, verdadeiros chispes ou fagulhas, que são a mesma essencia das apparições. Mairan, longe de acreditar, como fez Euler, em um empobrecimento de substancia terrestre, sustentou a opinião contraria em uma obra que escreveu *ad hoc*.

Na opinião d'este sabio, as auroras boreaes provém dos effluvios da luz zodiacal, com os quaes o nosso globo se vae enriquecendo todas as vezes que passa através d'esta nuvem diaphana e luminosa, que é ainda para nós indecifravel problema.

Duffay, outro visionario, dizia que as exhalações espalhadas eram reunidas nas cercanias do polo norte pelas correntes magneticas que alli affluem constantemente.

Halley, astronomo de grande merito, presentiu tambem a acção magnetica. Segundo elle, as auroras eram oriundas de uma espherasinha, em cuja superficie estava condensado o fluido. Esta esphera occupava o centro do globo. Os vapores saíam ao mesmo tempo de duas valvulas abertas nos extremos no eixo do mundo.

Conta Humboldt no *Cosmos*, que houve então a opinião de que o mundo era uma esphera ôca, que communicava com o mundo exterior por dois orificios. O interior d'esta caverna era povoada de plantas e animaes, e illuminado por dois astros situados no centro. Quem sabe se a origem d'esta lenda scientifica foi a explicação de Halley [1]?

Como era natural, foi um astronomo septentrional quem primeiro achou a verdadeira causa do phenomeno.

Muito tempo havia que dois sabios affirmavam que a agulha magnetica começa de agitar-se como se fôra atacada de convulsões febris, tanto que o clarão boreal ascende ao zenith de Upsal [2]. Wargentin resolveu verificar *de visu* este facto, e observando a agulha muitos mezes a eito, viu *cum magna voluptate* que a presença do menor vislumbre polar produz grandes oscillações.

Acreditando firmemente na verdade do seu descobrimento, predisse, com um dia de intervallo, uma aurora, que com effeito illuminou com os seus clarões magestosos a cidade de Stockolmo.

A descoberta de Wargentim dormiu na poeira dos archivos.

Passados sessenta e oito annos, em 1817, Arago

[1] Vid. *Cosmos* trad. fr. de Faye, pag. 193. Vid. *Viagens Subterraneas de Nicolau Klimm*, por Holberg, denominado o Molière dinamarquez, e que soube tirar grande partido da lenda scientifica de Halley.

[2] Celebre universidade sueca, na qual, sob os auspicios de Bernardotte, começou a renascer a litteratura nacional e a sciencia.

demonstrava que o ponto culminante do arco auroral estava no prolongamento do meridiano magnetico [1].

Em 1819 Arago ia ainda mais longe, e predizia, em virtude das grandes perturbações magneticas, a existencia de uma aurora invisivel em Paris. É licito perguntar se o sabio francez conhecia os descobrimentos de Wargentin, os quaes remontavam a sessenta e oito annos antes. Se assim fôra, era nullo o merito de Arago.

Antes de encerrar este capitulo, permitta-me v. exc. que lhe narre uma anecdota, a qual mostra como os preconceitos nacionaes podem ser nocivos á sciencia e ás artes, a ponto de obcecarem os povos mais illustrados.

A sociedade real de Londres concedia, em 1829, a medalha de Coppley ao tenente Forster, por ter demonstrado que não havia connexão alguma entre as agitações da bussola e as auroras boreaes!

IV

Muito mais podéra eu dizer ácerca da historia dos estudos auroraes; melhor é, porém, passar immediatamente á descripção e mais detida explicação do phenomeno.

Todos os viajantes que tem ido ás regiões polares, não se fartam de admirar as esplendidas auroras que allumiam com as suas chispas igneas as densas trevas do inverno, ou o clarão dubio do crepusculo, que substitue a noite dos nossos climas temperados.

São tantas as descripções, que ha aqui a terrivel difficuldade da escolha. Desde os velhos bardos de Ossian, até Régnard, poeta comico francez, que, chegando á Laponia, exclamou com emphase inimitavel:

«*Sistimus hic tandem, ubi nobis defuit orbis*»;

e desde Régnard até aos nossos dias, ha manjares ao sabor de todos. Não falta a descripção vaporosa, cheia de imagens e extases, nem a sequidão e fria analyse do observador scientifico.

Talvez seja melhor seguir o *mezzo termine*, como dizem os italianos.

Na sua viagem á Suecia, Ampère filho, cuja morte recente as letras e sciencias deploram, descreve assim uma aurora boreal:

«Voltava eu de Stockolmo, e aguardava-me outro espectaculo admiravel, qual o de uma aurora boreal.

«Seria meia noite; a lua derramava jorros de luz; voltava eu para casa em companhia de um dos meus companheiros de viagem. De repente vimos um clarão vago e esbranquiçado no ceo. Cuidámos que era alguma nuvem allumiada pela lua; era, porém, coisa menos compacta ainda, e mais indecisa; dir-se-hia a via lactea, ou longinqua nebulosa.

«A tempo que hesitavamos formou-se um ponto luminoso, expandiu-se, e como que se desenhou logo após em feixes enormes, em gladios côr de fogo e em foguetes immensos; depois confundiram-se todas estas fórmas e surgiu um arco luminoso, d'onde caía uma chuva de luz.

«O espectaculo não podia quasi nunca encontrar comparação; eram apparencias fugidias, indescriptiveis, que os olhos mal podiam abarcar, tal era a rapidez com que se succediam, misturavam e esvaeciam.

«Nunca se podia prever, com um segundo de antecedencia, o que nos ia mostrar o kaleidoscopo celeste; desapparecêra o que julgavamos ver, e de que ainda não faziamos idéa distincta. O espectaculo maravilhoso parecia sempre acabar e começar de novo, e era impossivel ver como as decorações se succediam; ninguem as via nascer, achavam-se de repente no ceo, e afigurava-se-nos que sempre lá tinham estado.»

[1] Chama-se assim o plano que passa pelo centro da terra e pelo eixo magnetico.

Tal é, minha senhora, em poucas linhas, o phenomeno, qual apparece aos olhos do observador desprecavido, phenomeno cheio de esplendores e maravilhas, conjuncto de phantasias luminosas e vertigens de fogo, vortice de côres e cambiantes.

Vejâmos agora o que nos diz a sciencia.

Horas antes da apparição da aurora observam-se movimentos irregulares na agulha magnetica, a qual como que anda á doida girando em volta do seu fulcro. Augmenta o seu desvio para o occidente, ou a sua declinação. Vão-se toldando os ares a pouco e pouco junto ao horisonte; condensam-se as trevas no norte, dir-se-hia que cae o panno para haver tempo de dispor com mais desafogo o espectaculo grandioso; depois surge das trevas um véo de nuvens diaphanas, ligeiramente tufadas, e côr de violeta. A orla superior começa a illuminar-se a principio com uma certa indecisão, recortando e franjando os contornos, que tomam em fim a fórma de arco amarello pallido, com a concavidade para a terra e com o vertice meridiano magnetico.

Vae subindo o arco com lentidão, e torna-se cada vez mais luminoso; desenham-se logo uns sulcos anegrados, e vêem-se em todo o comprimento uns borbotões de luz fervida.

Formam-se os raios uns brilhantes e rubidos, outros amortecidos e pallidos, e arrojando-se todos ao ceo, onde rebentam como foguetes de lagrimas. O rasto de fogo fascina a vista, e passa do vermelho purpurino ao verde esmeralda, sendo quasi sempre o fundo da téla celeste um amarello citrino esplendido.

Os raios galgam além do zenith e parece convergirem para um ponto do ceo, que se chama zenith magnetico [1].

Os raios dardejam fogo e luz, como diz o sr. Bravais, na sua viagem scientifica á Islandia; são ás vezes em numero tal, que tomam a abobada celeste e formam uma cúpula ignea coberta de ondas de fogo, que se encapellam como as ondas do Oceano.

A agulha magnetica segue o phenomeno desde o principio até ao fim; as suas oscillações continuam ora mais apressadas, ora mais lentas, segundo a intensidade da aurora. Quando os raios se destacam do arco, a bussola arqueja e palpita, e desviando-se depois para o oriente, volta em fim á posição normal tanto que o phenomeno acabou.

Não pense, porém, v. exc. que só se fórma um arco luminoso; a aurora é quasi sempre multipla; os arcos succedem-se, e em quanto morrem uns, nascem outros, chegando ás vezes a dez e mais.

Na opinião do sr. Lottin, que teve ensejo de ver muitas auroras na Islandia, esta successão de arcos e raios que vão caminhando no ceo assimilha-se a um manto que fluctua na atmosphera bordado de oiro e diamantes, dobrando-se de mil modos, como se uma brisa suave lhe tufasse as pregas ondeantes.

Perto do zenith magnetico fórma-se uma ellipse luminosa, chamada *corôa boreal*. Parece um effeito de perspectiva aérea. Acabou então o periodo ortivo da aurora, e começa a sua declinação; os raios vão escasseando, e sendo menos retintos. O sr. Lottin descreve assim o epilogo auroral:

«Apparecem então alternadamente feixes de raios, fragmentos de arcos e faixas luminosas; a luz torna-se mais diffusa; brilham de quando em quando uns clarões tremulos e arquejantes que occupam todo o ceo, e bruxuleiam em grupos, os quaes são denominados *chapas auroraes*, muito analogas aos *cumulus* [2] atmosphericos.

[1] Zenith magnetico é o ponto do ceo determinado pelo prolongamento da agulha suspensa livremente.

[2] *Cumulus, nimbus, cirrus* e *stractus* são as denominações que Faraday e seus discipulos deram ás nuvens. Hoje a nomenclatura está muito mais augmentada.

A luz lactea d'estas chapas soffre muitas variações de contracção e dilatação similhantes á dos animaes marinhos chamados *medusas*. O phenomeno acaba de todo depois d'estes ultimos arrancos; umas vezes a aurora esvaece-se no seio do crepusculo da manhã, outras confunde-se nas nuvens tomando uma côr esbranquiçada e monotona, outras acaba gradual e insensivelmente. Qualquer, porém, d'estes casos nos mostra intima connexão das auroras com as nuvens.

(Continua) A. Osorio de Vasconcellos.

AS JOIAS DA COROA DE INGLATERRA

Nos primeiros reinados depois da conquista de Inglaterra por Guilherme, duque de Normandia, as joias da coroa eram guardadas nas sés, ou nos mosteiros. Algumas vezes os soberanos levavam-n'as comsigo em suas viagens.

Parece que foi Henrique III quem as mandou transportar para a torre de Londres, dispondo ahi um logar accommodado e seguro para este importante deposito. Primeiramente estiveram em um edificio pequeno do lado meridional da *torre Branca*, um dos baluartes de que se compõe aquella antiga fortaleza, tão celebre na historia de Inglaterra. Depois foram levadas d'alli para a torre do mesmo castello, que se ficou chamando *torre das Joias*.

Pelos annos de 1270 enviou-as a Paris o dito monarcha Henrique III, para servirem de penhor a um emprestimo de que precisava para debellar a rebellião dos barões, que se tinham levantado contra o poder real. Em quanto não se effeituou o emprestimo estiveram as joias depositadas no *Templo*, sob a guarda de Margarida, rainha de França. Feito o emprestimo pelos commerciantes de Paris, passou o penhor para as mãos d'estes. Resgatadas em 1272, foram reconduzidas a Londres, e collocadas de novo na *torre das Joias*. Por esta occasião fez-se d'ellas um inventario, que ainda se conserva, e que é um curioso documento.

O exemplo de Henrique III foi seguido por outros soberanos, seus successores. Eduardo III pediu e obteve dos commerciantes de Flandres uma avultada quantia emprestada, dando por penhor as ditas joias. Henrique V empenhou na municipalidade de Londres uma das melhores peças d'aquelle thesoiro, o grande collar chamado *Pusan*. Henrique VI recorreu muitas vezes ao mesmo meio nas suas precisões de dinheiro.

O cargo de guarda joias da coroa sempre foi considerado muito honorifico na corte de Inglaterra. Exerceram-n'o, em tempo de Eduardo III, João Flete, e João de Mildenhal, ambos muito fidalgos; e no reinado de Henrique VIII, o celebre Thomaz Cromwell, ao diante feito conde de Essex.

Além da guarda d'estas preciosidades, o *mestre e thesoireiro das joias*, como então lhe chamavam, era encarregado da compra e venda da baixella real, de tratar com os ourives e joalheiros da casa real, de fornecer a baixella para o serviço dos embaixadores, e dos dignitarios do estado. Para o bom desempenho d'estas funcções tinha aposento no paço em que o soberano residisse; e acompanhava-o em qualquer viagem, ou simples mudança de habitação.

Andavam bem equiparados os proventos ás honras do emprego. No reinado de Carlos II, esposo da nossa infanta D. Catharina de Bragança, filha del-rei D. João IV, tinha o guarda joias de ordenado fixo mil e duzentas libras esterlinas. Mas além d'isso percebia muitas e importantes propinas. Davam-lhe para o seu jantar quatorze pratos de diversas iguarias, cerveja, vinho, etc. Pelo natal recebia, a titulo de gratificação, cem libras, e trezentas quando tinha de entregar presentes aos embaixadores. Recebia mais annualmente uma peça de prata doirada do peso de vinte e oito onças; as bolsas em que os lords, segundo a antiga usança, faziam todos os annos os seus presentes de oiro amoedado a el-rei, cada uma das quaes nunca valia menos de trinta a quarenta libras; e ainda outras propinas e gratificações.

Nas procissões tomava o guarda joias logar immediato aos membros do conselho privado; e na solemnidade da coroação dos monarchas vestia umas roupas escarlates mui ricas, e sentava-se á mesa dos barões, no banquete que por essa occasião se dava no magnifico edificio de *Westminster-Hall*.

Quando el-rei, com todo o ceremonial da corte, abria ou encerrava o parlamento, pertencia áquelle funccionario a honra de collocar e tirar a coroa real da cabeça do soberano.

Porém todas estas preeminencias e regalias acabaram, pela maior parte, no mesmo reinado de Carlos II, em que foram abolidas ou repartidas por outros funccionarios, o que se levou a effeito por instancias do chanceller Hyde.

Muitas d'aquellas funcções e privilegios foram reunidos ao cargo de camareiro-mór. Então solicitou e obteve o guarda joias, como uma compensação, licença para mostrar as joias da coroa, recebendo uma determinada quantia por cada pessoa que as quizesse ver. É bem facil de julgar que nada perdeu na mudança.

O guarda joias não residia na torre de Londres, mas tinha ahi em seu logar uma pessoa de confiança.

Quando Blood tentou roubar estas preciosidades, em 1693, desfructava o emprego de guarda joias sir Gilbert Talbot; mas quem effectivamente as guardava era um antigo servidor da sua familia, chamado Talbot Edwards.

O ladrão, com espanto de toda a gente, foi perdoado; e, o que ainda é mais notavel, recebeu ao diante del-rei Carlos II mercês que o enriqueceram. Não se sabe se este soberano, coagido por alguma terrivel ameaça, capitulou com o malfeitor, ou se este homem foi salvo do castigo que merecia, e ainda por cima galardoado, por influencia de algum ou alguns poderosos fidalgos da corte corrompida d'aquelle monarcha, aos quaes Blood serviria de instrumento dos seus maleficios e devassidões. A causa verdadeira de um tal procedimento, que escandalisou toda a nação, ficou occulta entre os mysterios da historia de Inglaterra.

Depois do incendio que rebentou na torre de Londres ha vinte e tantos annos, e que destruiu parte d'este antiquissimo monumento, foram levadas as joias da coroa, do logar em que até alli se guardavam, para casa do governador da dita fortaleza, estabelecida na parte do edificio que escapou ao incendio.

Tendo-se construido posteriormente um palacio de architectura gothica destinado para guarda joias, foram para alli conduzidas todas aquellas preciosidades no anno de 1842.

Compõe-se este thesoiro de numerosas e riquissimas peças. As mais notaveis são as seguintes:

A *coroa de Santo Eduardo*, assim chamada em memoria da que pertenceu a Eduardo o Confessor, rei de Inglaterra, 1.º do nome, a qual foi roubada no tempo del-rei Carlos I. A que ao presente existe foi feita para a coroação de Carlos II, e é a que serve para taes ceremonias. É formada de quatro cruzes e quatro flores de liz de oiro, fechadas por cima com um globo tambem de oiro. Guarnecem-n'a muita quantidade de perolas, diamantes, esmeraldas, rubis e saphiras.

A *coroa de estado*, de que os soberanos usam na solemnidade da abertura do parlamento, tambem foi mandada fazer por Carlos II. D'entre as pedras precio-

sas que a adornam sobresaem um magnifico rubí, e uma esmeralda que tem sete pollegadas inglezas de circunferencia.

A *nova coroa de estado* foi mandada fazer para a rainha Victoria. É uma peça de subido valor. No centro da cruz, que lhe serve de remate, tem uma saphira inestimavel pelo seu tamanho e pureza; e na dianteira da coroa avulta um rubí do feitio de um coração, que reune ao valor intrinseco o apreço historico, pois dizem que pertencêra ao principe Eduardo, tão celebrado sob o nome de *Principe Negro*.

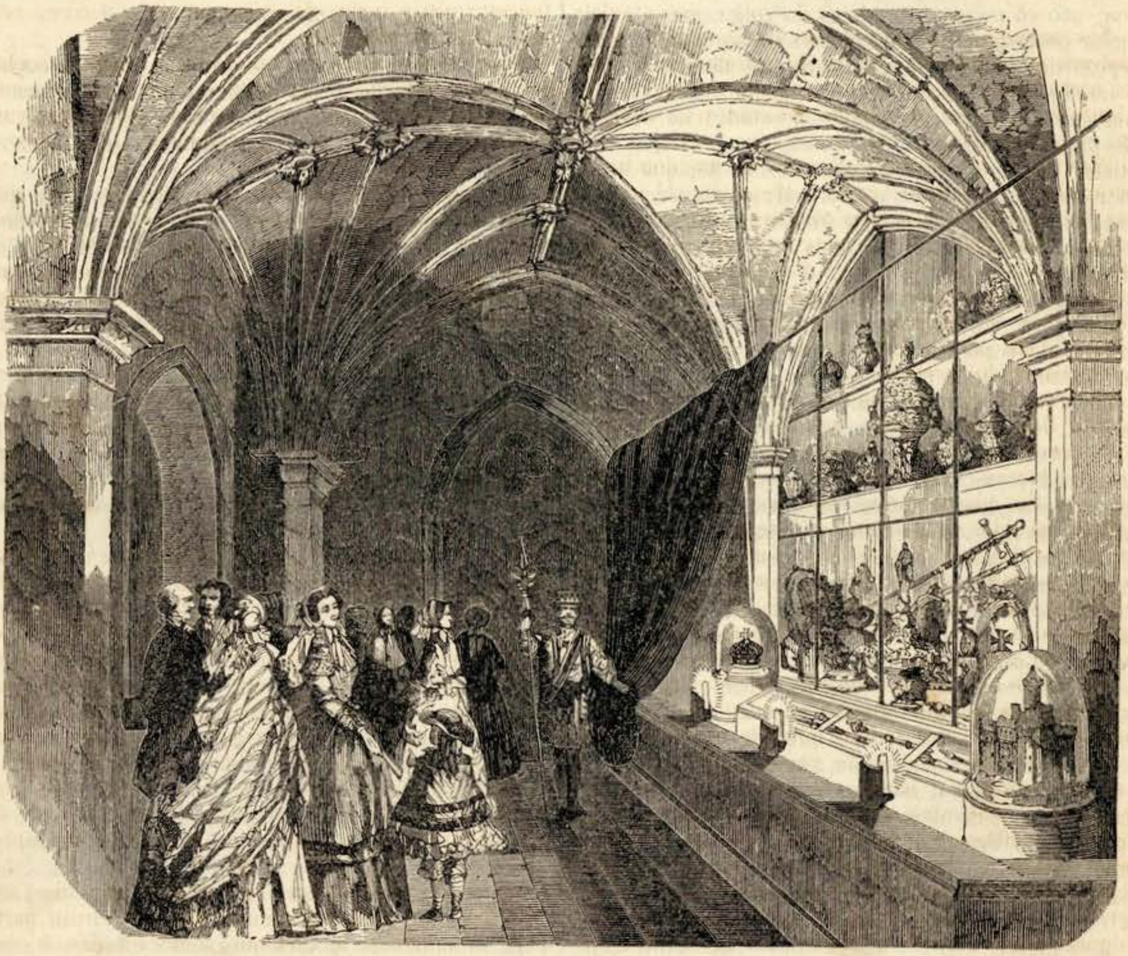
A *coroa do principe de Galles* é de oiro. Costuma servir nas grandes solemnidades, sendo collocada sobre um bufete, na camara dos lords, defronte da cadeira occupada pelo herdeiro presumptivo do throno.

O *diadema de oiro da rainha*, de que se serviu a rainha Maria, mulher de Jacques ou Jacobo II, no dia da sua coroação.

A *coroa da rainha* é destinada especialmente para a coroação das soberanas.

A *coroa rica da rainha* é uma peça mui valiosa, como o seu titulo indica. A soberana cinge a fronte com ella ao sair de *Westminster-Hall*, finda a ceremonia da coroação.

O *globo de oiro* é uma insignia que o monarcha ostenta na mão direita durante o acto da coroação,



Joias da coroa de Inglaterra

e passa para a mão esquerda quando se retira de *Westeminster-Hall*. É uma bola de oiro com seis pollegadas de diametro, cingida por um circulo de diamantes, e tendo em cima uma enorme amethista, sobre a qual se ergue uma cruz de oiro, toda cravejada de diversas pedras preciosas.

A *ampula*, chamada *aguia de oiro*, é um frasco com a fórma d'esta ave de azas estendidas, como no momento de levantar o vôo. Contém os santos oleos com que os reis de Inglaterra são ungidos no acto da coroação. O oleo sae pelo bico da aguia, e é lançado em uma colhér de oiro, d'onde se servem d'elle para a uncção. Dizem que esta peça é obra do seculo XII.

A *curtana*, ou *espada da misericordia*, é de aço doirado. Tambem serve nas ceremonias da coroação, sendo conduzida nua diante del-rei, e entre as duas espadas da justiça. Estas symbolisam o poder espiritual e o temporal. A primeira d'estas tem a ponta redonda, e a segunda aguda.

O *sceptro de Santo Eduardo* é de oiro, com um cabo de aço. Tem de altura dez palmos, e remata em um globo com uma cruz.

O *sceptro real da coroa*, ou *vara da equidade*, é tambem de oiro. Termina em uma pomba com as azas abertas, emblema da misericordia, poisada sobre uma cruz pequena. Outro sceptro parecido com este foi achado, em 1814, detraz de um velho forro de madeira de uma parede da torre. Diz-se que pertencêra á rainha Maria, mulher de Guilherme III.

O *sceptro real da cruz* é todo cravejado de pedras preciosas.

O *sceptro de marfim* foi feito para uso da rainha Maria de Este, mulher de Jacques II.

Os *braceletes* são de oiro ornados de perolas. Servem na coroação.

As *esporas reaes* são de oiro. Os lords Grey de Ruthen gozam do privilegio de as conduzir na solemnidade da coroação, como descendentes dos condes de Hastings.

O *saleiro de estado* é o modêlo em oiro da torre de Londres.

Vêem-se tambem entre as joias da corôa umas pias baptismaes, de prata doirada; uma fonte de prata, dadiva da cidade de Plymouth a el-rei Carlos II; um serviço de differentes peças para o acto da communhão, de prata doirada primorosamente esculpida, e cuja peça principal é ornada com um lindo baixo relêvo, representando a Cêa do Senhor; doze saleiros de oiro, de muito apreço artistico; dois grandes vasos ou jarros de oiro massiço, que figuram na coroação; uma baixella de prata, etc.

A gravura que publicámos, copiada de outra do *Magasin Pittoresque*, representa a antiga sala da torre de Londres, em que se guardavam as ditas joias.

O assumpto leva naturalmente a nossa attenção para as numerosas preciosidades que se guardam em Lisboa, não só occultas ás vistas do vulgo, mas até pela maior parte ignoradas de quasi toda a gente, sem excepção de classe, e apenas conhecidas de mui poucos. Os objectos preciosos que pertenceram aos extinctos conventos, e que se acham depositados na casa da Moeda; os vasos e alfaias da capella de S. João Baptista, na egreja de S. Roque; os da sé, que serviram outr'ora na antiga patriarchal; as riquezas artisticas que possue a *torre do Tombo;* e, finalmente, as joias da corôa, acham-se mais ou menos n'aquellas circunstancias.

E não será uma perda e ao mesmo tempo uma vergonha para esta capital, que sendo tão pobre de obras de arte de verdadeiro primor em monumentos publicos, assim tenha quasi escondidos tantos objectos, onde se vêem reunidos em alto grau o valor da materia, a excellencia da arte e o interesse da historia?

Por quantos modos lucraria a cidade se todas essas coisas estivessem accommodadas e dispostas de maneira que podessem facilmente serem vistas e examinadas pelos curiosos e pelos artistas?

Fadada pela sua posição geographica para ser uma grande hospedaria da Europa, Lisboa precisa de se encher de commodidades e de attractivos para chamar a si e demorar no seu seio os estrangeiros que podem enriquecel-a de oiro e civilisação. Em quanto não lhe permittem ataviar-se de novas galas, com que dê realce aos dotes naturaes da sua formosura, exponha, pelo menos, aos olhos dos que a requestam, essas joias que commemoram a sua passada grandeza, e as extinctas glorias da nação. Deixe que os artistas ahi vão estudar a arte de esculpir nos metaes, que tanto floreceu outr'ora em Portugal, apurando ao mesmo tempo o gosto na contemplação d'essas obras, pela maior parte tão esbeltas nas fórmas, tão graciosas e variadas nos lavores, e tão perfeitas na execução do trabalho.

As vantagens que d'isto se havia de colhêr compensariam bem, certamente, quaesquer sacrificios que fosse mister fazer para collocar todas essas preciosidades em logares apropriados á exposição, e com todas as condições de segurança necessarias, conservando-as nos edificios em que se acham, menos as da casa da Moeda, que ficariam melhor, a muitos respeitos, na academia das bellas artes de Lisboa, como já foi solicitado em vão pelo digno e incançavel vice-inspector da dita academia, o sr. marquez de Sousa Holstein.

É este um empenho em que a imprensa periodica nos poderia auxiliar, para honra e interesse da capital e do paiz.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A POESIA NOS CAMPOS

(Vid. pag. 174)

Haverá talvez quem taxe de monotonia o voltarmos para junto do berço em que a infancia repoisa descuidosa do tremendo enigma que se chama o futuro. Embora! Attrahe-nos ainda a suavissima melodia com que a vigilancia materna acorda os echos mudos da solidão, revendo-se embevecida na fragilidade do filhinho que dorme:

Ó minha mãe dos trabalhos,
Para quem trabalho eu?
Trabalho, mato o meu corpo,
Não tenho nada de meu!

Ou, erguendo o espirito acima das proprias mágoas, pôr o sentido na possibilidade de um novo enlêvo, e cantar:

O meu menino é d'oiro,
D'oiro é o meu menino,
Hei de trocal-o co'os anjos
Por outro mais pequenino.

As toadas com que estas e outras sentidas coplas são acompanhadas pelas mulheres do povo, adormecendo os filhinhos, são dignas de um album musical; mas, infelizmente, poucas ou nenhumas d'ellas estão ainda colleccionadas.

Mudemos agora de rumo, e prosigamos. Para que nem tudo sejam tristezas, e nos não accusem de compilarmos só melancolias, ahi vae a historia veridica de um despique amoroso, tomado em boa e frisante poesia.

Um rapaz *puxava* para uma rapariga. Nada mais natural. A rapariga ouvia-o, ao que parecia, sem desagrado. Naturalissimo. Mas a inconstancia levou-a a dar ouvidos a um segundo pretendente, e a esquecer não a fé jurada, mas a que a si mesma devia guardar. Sabe-o o mais antigo e tambem o mais sincero dos dois amadores, e cala-se. Instado dias depois a dar a razão do seu afastamento, ella ahi vae como a ouvimos da propria boca do queixoso:

Peça tudo quanto queira,
O meu amor não m'o peça;
Deve estar muito doente
Quem de noite se confessa.

Pois esta resolução foi tomada estando o homem, como vulgarmente se diz, já com o pé dentro da egreja, e esquecido dos axiomas da trova que diz:

O cantar é dom dos anjos,
O bailar dos variados,
A alegria dos solteiros,
A tristeza *dos casados.*

Entre os agudissimos epigrammas de Bocage ha um que se tornou popular pela valentia do desforço. É este:

Dizem que Flavio glutão
Em Bocage aferra o dente:
Ora é forte admiração
Ver um cão morder na gente!

Pois oiçam agora um poeta da mesma eschola, que tem a honra de se encontrar com tão bom modêlo, e que, por ser nascido na aldeia, não acha n'isso motivo para deixar sem prompta réplica a mordacidade de um rival:

Tenho corrido mil terras,
Mil terras tenho corrido,
Muito cão me tem ladrado,
Mas nenhum me tem mordido.

As terras que este *tinha corrido* eram as freguezias do seu concelho, mas ainda assim podia dizer que tinha visto mundo. Outro tanto não affirmava de si um afamado repentista do mesmo logar, tão convencido da promptidão e fecundidade do seu estro, que dizia:

Se eu cantar tão bem soubera
Como sei fazer cantigas,
Fizera chorar as pedras,
Quanto mais as raparigas!

Só se elle estava em maré de não querer poetar, porque então era tempo perdido instar com elle! Era caprichoso o nosso Byron serrano, e se lhe dava o *spleen* (deixem-me inglezar o saloio) eram sempre mordentes as saídas d'elle.

Querem-n'o ouvir n'um momento de mau humor? O poeta que *sabía fazer chorar as pedras*, convidado d'este modo a poetar:

Diga lá duas cantigas
D'aquellas que vossê sabe,

ou porque lhe destoasse o *vossê*, ou porque não acceitasse a arithmetica na poesia, respondia:

Estão dentro da gaveta
E perdi o norte á chave!

Será ou não será isto aproximar-se dos bons ditos dos poetas francezes da segunda metade do seculo XVIII, ou, sem sairmos fóra de Portugal, das desconcertadoras respostas do fustigador implacavel do padre José Agostinho de Macedo?

Se por acaso ao nosso poeta (o saloio) não saía uma quadra bem rimada, ou não exprimia francamente a sua idéa nos moldes acanhados de duas consoantes forçadas, não era luctador que desanimasse, desculpando-se logo d'este modo:

Meninas não façam caso
Da cantiga ser errada:
Tambem um bom caçador
Atira... não mata nada!

A proposito d'estes singelos e despretenciosos estudos sobre a poesia popular já podiamos, se tivessemos quéda para a erudição balofa, ter resuscitado a velha questão dos rapsodistas, e trazido para aqui a encanecida e nunca resolvida disputa entre os defensores da unidade e authenticidade dos poemas homericos, e os que só querem ver n'elles o arduo trabalho de eruditos e conscienciosos compiladores da poesia popular da Grecia primitiva. Nós preferimos limpar estes estudos de cogitações alheias á pura e genuina trasladação para a escripta do viver e crer poetico do nosso povo. Prosigamos pois no nosso intento. Ahi vae uma copla que demonstra que o amor nos campos nem sempre é desacompanhado das fórmulas amenas com que nas cidades ás vezes o rebaixam até ao ridiculo:

A murtinheira é de vidro,
Ao fechar na mão se quebra;
Assim é vossê commigo,
Cuida que o vento me leva.

A rapariga pensava, e quem sabe se tinha razão, que as demasias do affecto nem sempre são indicadoras da estabilidade que se requer na verdadeira estima. Era ainda ella que dizia:

Se o amor quer ser rogado,
Eu nunca roguei ninguem;
Arrenego do amor
Que á força de rogos vem.

Como vêem, a rapariga tinha principios fixos sobre o assumpto, e os seus aphorismos eram concisos e substanciosos. O que porém atraiçoava um pouco o rigor das sentenças da nossa austera poetisa, era a suavidade dos seus bellos olhos azues! Era d'elles que indiscretamente fallava um desvalido pretendente, cantando:

Quem tiver olhos azues
Bem os deve de estimar;
Olhos azues cá na terra
São custosos de encontrar.

Olhos pretos, e infieis, havia-os por lá em abundancia, por isso os azues e constantes andavam tanto na voga. Dos pretos, que mentiam, ou poucas esperanças davam de lealdade, é que rezam as duas seguintes coplas:

Os teus olhos, ó menina,
São gentios da Guiné;
Da Guiné por serem pretos,
Gentios por não terem fé.

A outra é esta:

Ó meus olhos de pau preto,
Sobrancelhas de oiro fino,
Não me percas o affecto,
Que eu de ti não perco o tino.

Se ha quem pense que os dotes do espirito são tidos em pouca conta na aldeia, illude-se. Vamos fallar pela boca de um juiz competente:

Entre a salsa e o coentro
Hei de dispor o cebolo,
Mais vale o feio engraçado
Que o bonito sendo tolo.

Como os leitores já devem ter notado, é quasi regra geral nas trovas populares dividirem-se as quadras em dois hemistichios, fazendo cada um d'elles sentido por si, sem relação directa um com o outro, como que para preparar a sopresa do conceito que de ordinario se encerra nos dois versos finaes, o que não impede a harmonia do conjuncto, nem perturba a clareza da idéa. Por exemplo:

O loureiro está quebrado,
Por tres partes offendido...
Falla amor com quem quizeres
E de mim tira o sentido.

Apesar da differença apparente dos dois primeiros versos d'esta quadra com o seguimento logico do raciocinio, não ha ainda uma certa connexão entre o *loureiro quebrado e offendido*, e o apartamento e despedida, que se annunciam nos dois versos finaes da trova?

De que é este o processo poetico quasi invariavelmente seguido pela gente do campo, ahi vae mais um exemplo:

Eu subi ao altar-mór,
Accendi velas no throno...
É bem louco quem se mata
Por amor que já tem dono.

A phraseologia amaneirada do idyllio tem passado até hoje, e continuará ainda a passar, como o ideal da candura e da innocencia pastoril. Não obstante, cuido que não é menos innocente dizer:

Encostei-me ao pecegueiro
E toda me enchi de flores...
Vejo-me tão pequenina
E já me fallam de amores!

Ou então, dirigindo-se a um adventicio que com estudados requebros a pretende captivar, e dos seus

haveres lhe falla como de um Potosí a explorar, e cantar-lhe:

Eu hei de ir á tua terra
Ouvir a missa do dia,
Que tanto me tem gabado
A tua tafularia!

Haverá censor tão austero que, acceitando em nome das ousadias do lyrismo todas as aberrações do bom senso, se atreva a condemnar (com justiça de moiro) as raras descaídas da musa campesina? Se o ha, pedimos-lhe que não leia a seguinte quadra, em que os dois ultimos versos servem de errata e emenda á jocosidade dos dois primeiros:

Os pratos da prateleira
Sempre estão telim... telim...
No reino do ceo esteja
Quem te creou para mim.

Já n'este estudo dissemos que havia nos campos philosophos (se acharem a palavra ambiciosa, chamem-lhes *observadores*), que dos seus commentarios á vida pratica tiravam o assumpto de toda a poesia. Tolentinos de cajado e surrão, a sua analyse é sempre segura, e a manifestação da sua idéa clara e concisa. Vejâmos:

Herva cidreira nos campos
É regalo de pastores;
Deitam os gados a ella,
Vão fallar aos seus amores.

Será ou não será philosopho (insistimos ainda na propriedade do termo) quem estuda o intangivel, e até das propriedades do fumo tira as suas conclusões moraes? Pois ponham de parte o talvez pouco scientifico rigor dos epithetos, e neguem-nos que a seguinte quadra não tenha um certo sabor reflexivo, que nem sempre se encontra nos poetas laureados... pelo folhetim:

É tão delicado o fumo,
Que passa a telha dobrada;
Delicados são teus olhos
Que captivam de pancada.

O que se tem dito e escripto dos pombos mensageiros, e da sua mestria como corretores aéreos de amorosas correspondencias, pareceria fabula aos incredulos, se a seguinte trova popular não confirmasse a veracidade de como as aves se prestam a ser mudas confidentes de saudades e desejos:

Ó meu amor, se te fores,
Escreve-me do caminho;
Se não houver portador,
Nas azas de um passarinho.

O despeito, em assumptos amorosos, foi sempre uma das cordas sensiveis do coração da mulher. Se ainda ha calor por baixo das cinzas do affecto que acabou, não é raro ver salgar com a ironia, ou pulverisar com o sarcasmo, a inconstancia d'aquelle que se deixou esquecer dos juramentos dados. Oiçâmos duas queixosas revelando na poesia as tristezas do abandono:

Trocaste-me a mim por outra,
Eu bem sei que me trocaste;
Não se me dava saber
Na troca quanto ganhaste.

Outra:

Já lá vae, já se acabou,
O tempo que te eu amava;
Tinha olhos e não via
Na cegueira em que eu andava.

A consolação unica para estes e outros que taes contratempos amorosos, é recordarem-se as victimas da dúvida expressa pela cantiga que diz:

A saudade é toda roxa,
Tem no meio o olho verde:
Quem tem amor não o perde,
Quem o perde acaso o teve?...

Esperdiçar lagrimas com ingratos, para que? A mocidade é breve, e faces que empallidecem e perdem o viço inspiram quando muito a compaixão, e motivam os conselhos d'aquelles que as viram já frescas e rosadas:

Rosa branca, toma côr,
Não sejas tão desbotada,
Que dizem as outras rosas:
Rosa branca não val nada.

Quem não folga e ri na quadra amena da primavera, antecipa, sem o pensar, as melancolias do inverno. Porque não hão de as raparigas que se sentem propensas para o desalento, tomar exemplo da isenção galhofeira da outra que cantava:

Chamaste-me amor-perfeito,
Eu não sou tão delicada;
Assim mesmo, bem pensando,
Em ti sou mal empregada.

Nos campos póde-se ignorar que existe a Inglaterra, patria da industria; a Italia, mãe das artes; a Allemanha, berço dos pensadores. Mas o que nas nossas aldeias ninguem deixa de saber é que ha uma terra que se chama o Brasil, aonde se falla a nossa lingua, e onde se enriquece pelo trabalho, quando se não morre na enxerga de um hospital, longe dos seus, e sem o conchego do lar domestico. Feliz, ou infelizmente, o nosso povo vê só o Brasil pelo lado da prosperidade material. A prova está na seguinte quadra de despedida a um rapaz que parte para a America:

Deus te leve a Pernambuco
E de lá venhas tão rico,
Que el-rei da *Divinamarca*
Não possa egualar comtigo.

Deixemos a *Divinamarca* aonde está, e dêmos as nossas ultimas explicações aos leitores.

Damos aqui por terminada a primeira serie d'estes estudos sobre a poesia popular nos campos, dispostos a voltar ao assumpto quando o nosso bondoso e illustrado amigo o sr. Thomaz Ribeiro nos fornecer, como espontaneamente nos prometteu, uma collecção de cantigas dos cegos pedintes da Beira, provincia da naturalidade do distincto auctor do *D. Jayme*.

Egual promessa nos foi feita pelo nosso amigo o sr. José Maria da Ponte e Horta, benemerito lente da eschola polytechnica, e amador consciencioso de assumptos litterarios, especialmente dos que revelam amor ás coisas da terra natal. O sr. José Horta é filho do Algarve, uma das nossas provincias mais por explorar em relação ás artes e á poesia.

Concluirei este trabalho com a seguinte quadra popular, com que apropriadamente me despeço dos leitores do *Archivo:*

Vou-lhes dar a despedida
Como deu o maio á flor;
Quem se despede cantando
Não leva pena nem dor.

L. A. Palmeirim.